

Televisão e jornalismo: a história do telejornalismo no Norte do Paraná

Television and journalism: the history of telejournalism in North Paraná

Milton Antunes Pereira*

* Especialista em Comunicação Visual em Mídias Interativas. Jornalista, professor.
e-mail: <miltonantunes@pop.com.br>
<miltontvantunes@yahoo.com.br>

Resumo

No início do século XX, o ser humano conseguiu um feito inédito: transmitiu imagens a uma distância de 45 quilômetros. Estava nascendo a televisão, uma das maiores invenções do homem. Com a TV, veio o telejornalismo, formando uma parceria que dura até hoje. No Brasil, a trajetória da televisão começou em 1950. Em Londrina, em 1963. O objetivo deste ensaio é resgatar a história da televisão e a sua chegada ao norte do Paraná, demonstrando os avanços técnicos e científicos. E também mostrar o desenvolvimento dos telejornais e as mudanças que sofreram, principalmente nas últimas décadas.

Palavras-chave: Televisão. Telejornalismo. TV Coroados.

Abstract

In the beginning of the century XX, the human being obtained an unknown fact: it transmitted images to a distance of 45 kilometers. The television was being born, one of the biggest inventions of the man. Along this new technology, also born the tele-journalism, it became a partnership that lasts until today. In Brazil, the course of the television started in 1950. In Londrina it happened in 1963. The Objective of this essay is to rescue the history of the television and its arrival to the north of the Parana, showing the technician and scientific advances. And also to demonstrate the development of the TV-News and the changes it has suffered, mainly in the last decades.

Keywords: Television. Telejournalism. Coroados' TV.

1 Introdução

A televisão é um veículo apaixonante. Tem o poder de nos divertir, informar, emocionar, ensinar, discutir e analisar. Por isso, é um fenômeno no mundo inteiro. A evolução tecnológica experimentada pela TV nas últimas décadas foi extraordinária. O ser humano também mudou e soube acompanhar essa evolução.

No Brasil, a televisão é um sucesso. Dificilmente se encontra alguém neste país que não goste de TV. O brasileiro tem paixão por futebol, novela e diversão – três dos segmentos amplamente difundidos pela TV. Temos seis grandes redes de televisão aberta que levam o sinal para todos os cantos do país e o segmento a cabo não pára de crescer.

Um dos parceiros na TV é o jornalismo. Assistir aos telejornais é uma das maneiras mais fáceis de se obter informação. Ela surge na tela de forma resumida e priorizada e, em poucos minutos, é possível saber notícias de sua cidade, seu país e de seu planeta. Às vezes, até de outros planetas.

Televisão e jornalismo sempre caminharam juntos. Desde a chegada da primeira emissora ao país, os telejornais estiveram presentes na grade de programação. Além de noticiar fatos, acontecimentos e as mudanças do mundo, os telejornais também revelam o perfil e o comportamento de seu povo, de sua comunidade. Sempre tiveram boa audiência, ocuparam horários nobres

e, conseqüentemente, conquistaram bons patrocinadores. Nestas poucas décadas de vida, o telejornalismo evoluiu muito, adaptou-se aos novos tempos e passou a ser um instrumento de desenvolvimento crítico e social.

2 O Surgimento da Televisão

A proximidade com o tempo presente e o fato de estar dentro dos lares possibilitaram à televisão tornar-se o mais poderoso meio de transmissão de informação, lazer, cultura e idéias. A televisão foi criada graças às pesquisas de inúmeros cientistas, matemáticos e físicos. Os primeiros estudos tiveram início em 1920. Para cada invenção, haveria mais tarde um aperfeiçoamento da idéia original, transformando-se em outra nova descoberta.

No começo dos anos 50, a TV entrou praticamente em todos os países, firmando-se como meio de comunicação de massa. O telespectador assistia às transmissões admirando as imagens – embora em preto e branco – e a indústria passou a se preocupar em aperfeiçoar os aparelhos.

A televisão chegou ao Brasil na década de 50, através de Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários e Emissoras Associadas, um complexo de comunicação que incorporava vários jornais, revistas e emissoras de rádio. Chateaubriand apostou numa tecnologia que ainda dava os primeiros passos, quando a indústria brasileira se encontrava em processo de crescimento.

“*Imagens do Dia*” foi o primeiro telejornal da televisão brasileira e nasceu com a TV Tupi, de São Paulo. Foi ao ar no dia 20 de setembro de 1950, dois dias depois da inauguração da TV no Brasil. Tinha um estilo radiofônico, com locução em *off*. Três anos depois, surgiria o “*Repórter Esso*”, o primeiro telejornal de sucesso no país. O programa ficou famoso com a frase: “*Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história*”.

Desde o surgimento dos primeiros noticiários na televisão brasileira, a linha editorial sempre esteve associada ao momento político vivido pelo país. Não se pode esquecer que a televisão é uma concessão e, como tal, pode ser revogada a qualquer momento por quem concede, no caso, o governo federal.

Por isso, inúmeras vezes, os jornalistas se sentiram “reféns” dos regimes de governo, exercendo a profissão sob censura e de forma arbitrária. O exemplo mais recente aconteceu durante a ditadura militar, quando os noticiários eram submetidos à censura prévia e só se divulgava o que agradava ao regime.

Desta forma, o telejornalismo viveu diferentes fases, renovando-se ciclicamente. Às vezes, voltava suas lentes para o noticiário econômico, ora para o político, crítico, de negócios, comunitário, esportivo, denunciatório. A cada nova etapa, novos desafios eram lançados e a forma de cobertura dos assuntos foi sistematicamente modificada. A evolução dos equipamentos e o surgimento de novas tecnologias também contribuíram para a mudança de estilos.

A TV Globo foi a primeira emissora do país a ter um telejornal feito em rede nacional. O Jornal Nacional estreou no dia 1º de setembro de 1969, gerado do Rio de Janeiro para todo o país. É o mais antigo noticiário no ar da TV brasileira e tem o mérito de apresentar as primeiras reportagens em cores e de mostrar, via satélite, imagens ao vivo de acontecimentos internacionais.

Embora não tenha inventado o jornalismo, a Globo conseguiu lhe dar fim ao improvisado, impondo uma série rígida de padrões, montando cenários adequados, dando ritmo à notícia articulando um “*timing*” perfeito entre texto e imagem. A preocupação com a qualidade era tão grande que logo surgiria a expressão “Padrão Global”.

2 A Televisão chega a Londrina



Foto 1. Fachada da TV Coroados, na década de 70: pioneira no interior do Pr.

Fonte: Acervo Museu Carlos Weiss.

No início da década de 60, o norte do Paraná experimentava uma explosão econômica jamais vista. O café, o ouro verde da época, tinha liquidez e mercado garantido. A cidade crescia a passos largos e, em menos de trinta anos, já ultrapassara outros municípios em movimentação financeira. Londrina vivia seu “boom”, atraindo investimentos e plantando riqueza.

A soma desses fatores foi imperativa para que Assis Chateaubriand decidisse instalar uma emissora de televisão na região. O estado já possuía duas emissoras – a TV Paraná e a TV Paranaense, ambas em Curitiba. A chegada da televisão a Londrina foi aguardada com grande ansiedade pela população. Afinal, era a maior descoberta dos últimos tempos, desde o cinema. Jornais da época traziam com frequência reportagens anunciando a novidade: Londrina seria a primeira cidade do interior do estado a ter uma emissora de televisão. Uma atração sem precedentes.

O jornalista João Milanez, diretor e fundador do jornal Folha de Londrina, acompanhou a chegada da TV à cidade e revelou que quase ganhou do governo federal a concessão da TV Coroados, antes mesmo de ela ser inaugurada. A negociação envolvia um jogo de interesses que misturava política e poder. O relato é de João Milanez a este autor:

Quando Jânio Quadros, candidato à Presidência da República, mandou me chamar na casa do (prefeito) Milton Menezes, ele me disse: ‘Milanez, eu vou cassar a concessão da TV Coroados que é do Chateaubriand para poder diminuir este poder dos (Diários) Associados e eu quero dar a você’. Eu disse: ‘não quero. Televisão se faz em cadeia nacional, como é que eu vou contratar um artista para Londrina... televisão ou você faz ou não faz... não quero’ (Informação verbal¹).

Jânio Quadros foi eleito e assumiu a Presidência da República, sucedendo a Juscelino Kubitschek. Cassou a concessão da TV Coroados como afirmara, mas devolveu-a a Assis Chateaubriand. Londrina não foi a primeira cidade do interior do país a ter uma emissora de TV, como muitos pensam. Já existia a TV de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, que funcionava de maneira precária, ficando até três dias fora do ar e ainda amargava prejuízos. Um outro fator negativo era o baixo número de receptores na cidade.

Para que a história não se repetisse em Londrina, o advogado José Arrabal – primeiro diretor da emissora – fez uma ampla campanha para a divulgação da TV, antes mesmo de sua inauguração. O objetivo era que os moradores já tivessem seu televisor antes de a emissora ir ao ar. A expectativa chegou ao máximo quando a emissora entrou no ar experimentalmente.

Assim, às dez horas do dia 21 de setembro de 1963, um sábado de primavera, era inaugurada a TV Coroados Canal 3 de Londrina. Chateaubriand não veio à inauguração, mandou um de seus diretores, Luiz Edmundo Monteiro, Superintendente da Rede Tupi, para fazer as honras. Quando a TV Coroados entrou no ar em definitivo, já havia um número expressivo de londrinenses com o televisor em casa. A audiência foi

¹ Entrevista concedida ao autor por João Milanez, em 5 de novembro de 2003.

total, uma vez que só havia um único canal para se assistir – a TV Coroados. A novidade começou a mudar os hábitos dos londrinenses, como lembrou João Milanez, em entrevista a este autor:

Era um filme por semana, às sextas-feiras, bem no horário da reunião do Rotary. Ninguém ia à reunião, todo mundo ia assistir ao filme em casa. Pois o Rotary Clube de Londrina mudou a reunião de sexta-feira para quinta-feira por causa do filme que passava às oito horas da noite (Informação verbal²).

Desde o início, o faturamento da emissora londrinense surpreendeu. Não era para menos: enquanto um anúncio de 30 segundos nas emissoras de rádio custava 30 cruzeiros, 1 segundo na TV Coroados custava 180 cruzeiros. A performance chamou a atenção de Assis Chateaubriand, que quis conhecer pessoalmente o seu diretor, José Arrabal. Chateaubriand já estava em cadeiras de rodas por causa da trombose e, ao programar uma escala no Rio de Janeiro, recebeu o londrinense dentro do avião. Frente a frente, indagou:

‘— De que mato saiu este *jacu*?’ (SCWARTZ, 1996, p. 8).

Foi a senha para Arrabal se transferir ao Rio de Janeiro, onde passou a cuidar a expansão da TV, transformando-se em um executivo de televisão. Mais tarde, o norte do Paraná ganharia outras emissoras de televisão, aumentando a concorrência e multiplicando as opções para o telespectador. Em 1969, Paulo Pimentel inauguraria a TV Tibagi de Apucarana. Em 1980, surgiria em Londrina a TV Tropical, de propriedade da família Martinez. Em 1991, Pimentel inaugurava a TV Cidade, sua segunda emissora no norte do estado. Em 1996, o grupo Muffato, de Cascavel, inaugurava a TV Londrina, hoje TV Tarobá. Nesse mesmo ano, Londrina ganhava sua primeira televisão a cabo: a TV Mix.

3 Primeiros Telejornais de Londrina

O primeiro telejornal produzido em Londrina foi ao ar na segunda-feira, dia 23 de setembro de 1963, dois dias depois da inauguração da TV Coroados. Levava o nome do patrocinador, “*Telenotícias Transparaná*”. À frente das câmeras, o radialista que não fez sucesso no rádio, mas soube aproveitar a visibilidade da televisão: Antônio Belinati.

Belinati chegou à condição de apresentador de telejornal com a ajuda do delegado-chefe da época, Eudes Brandão que, além de amigo, era o diretor de jornalismo da TV Coroados. O “*Telenotícias Transparaná*” era um noticiário com estilo radiofônico, porém feito na televisão. As notícias eram lidas uma atrás da outra e as mais importantes vinham acompanhadas de filmes preto e branco, sem som.

Enfiado num conjunto de terno-e-gravata, o maior

adversário do apresentador era o calor provocado pelo potente sistema de iluminação, uma exigência das antigas câmeras. O relato foi publicado pelo jornalista Widson Schwartz, em artigo escrito para a Folha de Londrina, em 6 de julho de 1996:

Era demais... dentro de tudo o que era permitido pela completa improvisação, tudo ao vivo, Belinati podia interromper a leitura de uma lauda e, pedindo licença aos telespectadores, virar um copo de água na garganta seca. Não era fácil suportar o calor daqueles painéis de iluminação (SCWARTZ, 1996, p. 8).

O jornalista Osvaldo Militão foi o primeiro apresentador de noticiário esportivo na televisão londrinense, o “*Atualidade Esportiva*”, que ia ao ar diariamente das 19h às 19h15. Trabalhou na emissora até 1976, quando Paulo Pimentel comprou a TV Coroados. Dois anos depois, o empresário José Carlos Martinez comprou a TV de Pimentel e ele voltou a Coroados. Militão revelou a este autor como foi a escolha dos primeiros apresentadores:

Nós fizemos teste para ser aprovado. Veio um diretor artístico e um diretor geral Curitiba, e eu me lembro bem que os três primeiros que passaram no teste fomos eu, para fazer o esporte; o Belinati para fazer o Telenotícias Transparaná; e o Nelo Lainete para apresentar o Boletim do Tempo. Seis meses depois, entrou no ar o “Diário do Paraná na TV”, o jornal produzido em Curitiba e apresentado por Pedro Porto. E entrou também o Antônio Marcos que apresentava o “Show Fuganti”. Eu fiz um ano esporte e depois passei a fazer reportagem social uma vez por semana, no horário nobre, às nove horas da noite... Fazia baile de debutantes de Jacarezinho a Paranavaí (Informação verbal³).

A televisão se tornara a mais nova opção de trabalho para jornalistas, artistas, radialistas, locutores, eletricitas, técnicos, câmeras e cenógrafos. Como boa parte da programação era feita ao vivo, havia a necessidade de pessoal qualificado, nem sempre fácil de se encontrar pela região. Assim, não é de se estranhar a passagem de nomes conhecidos na televisão, como do artista Juarez Machado, por exemplo, como relatou Osvaldo Militão a este autor:

O Juarez Machado veio trabalhar aqui, dois anos depois da inauguração. Ele foi meu cenografista, fazia cenografia do meu programa (Informação verbal⁴).

Um aspecto curioso é o fato de que, além de Militão, outros jornalistas da Folha de Londrina fizeram carreira na TV Coroados, a maioria como repórter de vídeo. É o caso de Silvio Oricolli, Dulcinéia Novaes, Zilma Santos, Edson Vicente, Maria Flores, Ana Dalla Pria, Sandro Dalpícolo, Walter Ogama, entre outros.

² Entrevista concedida ao autor por João Milanez, em 5 de nov. de 2003.

^{3,4} Entrevista concedida ao autor por Osvaldo Militão, em 5 de novembro de 2003.

4 A Revolução do Vídeo-tape



Foto 2. Estúdio da TV Coroados: Programação ao vivo e muito improviso.

Fonte: Acervo Museu Carlos Weiss.

No princípio, tudo era preto, branco e cinza. E era um espetáculo. Nos anos 70, os noticiários da televisão utilizavam filmadoras 16 mm e filmes ‘preto-e-branco’ para as reportagens externas. Raramente se usava filme colorido – a não ser em ocasiões especiais ou na produção de comerciais. A programação, que até então era feita ao vivo, ganharia um novo equipamento capaz de dar novo suporte às produções: o *video-tape*, um equipamento que usava fitas magnéticas para gravar e reproduzir sons e imagens.

Com a chegada do *video-tape*, parte da programação poderia ser gravada e exibida quantas vezes fosse necessária. E mais: ao contrário do filme, que só poderia ser usado uma única vez, a fita magnética poderia ser apagada e usada para novas gravações, representando também uma economia, já que os filmes eram importados e caros.

Os primeiros equipamentos de *video-tape* eram máquinas enormes, que ocupavam salas inteiras. Com o desenvolvimento tecnológico, os equipamentos ficaram mais compactos. Logo, os telejornais se beneficiariam desta nova ferramenta com o surgimento do *mini-tape*, um gravador de som e imagens portátil que, ligado a uma câmera eletrônica, poderia ser usado na produção de reportagens externas.

Com dimensões bem menores dos primeiros aparelhos de VT, o *min-tape* passou a ser um instrumento de trabalho dos jornalistas. Tinha mais uma vantagem sobre o filme: não era preciso passar pelo processo demorado da revelação, secagem e montagem. A equipe de reportagem, que antes era composta pelo repórter e o cinegrafista, passou a contar também com o auxiliar técnico, que operava o aparelho.

A Televisão Tibagi foi a primeira emissora do norte do Paraná a ter o *mini-tape*. No dia 7 de setembro de 1979, levou ao ar as primeiras imagens coloridas feitas pelo novo equipamento, fornecido pela indústria JVC. O cinegrafista Pedro Campoy produziu uma reportagem sobre o desfile cívico da cidade.

Logo o *mini-tape* veio a Londrina para dar suporte ao departamento de jornalismo. Coube aos cinegrafistas Mário Azzolini e Milton Antunes desvendar os segredos da nova ferramenta. Sessenta por cento das reportagens exibidas nos telejornais da Tibagi eram produzidas em

Londrina. As outras três filmadoras (que usavam filme) foram aposentadas.

Meses depois, a TV Coroados também teria o seu *mini-tape*. Os primeiros cinegrafistas a usar a nova tecnologia foram Jorge Tachibana e Jorge Travaglia. Uma nova fase no telejornalismo londrinense estava começando. Os noticiários ganharam qualidade e agilidade nas coberturas. As reportagens poderiam ser feitas e imediatamente colocadas no ar. As câmeras eletrônicas captavam imagens em cores, deixando os telejornais mais agradáveis de ver e começou a se desenhar o nascimento de um novo personagem do telejornalismo: o repórter de vídeo.

5 Primeiros Repórteres de TV em Londrina

No começo do telejornalismo brasileiro, não existia a figura do repórter, muito comum nos dias de hoje. Os noticiários eram feitos num estilo radiofônico, com um apresentador em frente às câmeras lendo as notícias, algumas acompanhadas de imagens em preto e branco. As notícias mais importantes poderiam trazer uma entrevista gravada, utilizando o filme sonoro.

Com o início da era do *vídeo-tape*, a substituição do filme pelas fitas magnéticas foi feita de maneira rápida. As gravações ficaram mais baratas e com uma qualidade superior. O uso de fitas magnéticas também mudou o conceito do repórter na TV. Ele deixou de ser a figura que apenas acompanhava o cinegrafista, colhia as informações e redigia o texto para o apresentador do noticiário. Ele passou a ter uma participação maior nas reportagens, empunhando o microfone e falando para o telespectador.

O aparecimento do repórter no vídeo, entrevistando pessoas e gravando seu próprio texto, mudou o formato das reportagens. Logo, rostos poucos conhecidos na TV começaram a se tornar familiar. Os dois primeiros repórteres da TV Coroados da geração *video-tape* foram Edson Vicente e Nice Carbonieri, ambos falecidos. Mais tarde, surgiriam Cláudio Azevedo e Dulcinéia Novaes, a primeira mulher negra a se tornar repórter de TV em Londrina.

Logo a figura do repórter de vídeo passou a ser uma exigência nas emissoras. Com a utilização do *video-tape*, ele tinha uma grande vantagem a seu favor: podia gravar as suas participações quantas vezes fossem precisas, até ficar perfeito. O restante da gravação – como “erros de português” ou entonação inadequada – era descartado na edição. Desta forma, o repórter não só participava diretamente na produção da reportagem, como também deixava sua marca pessoal registrada: ao gravar sua participação na matéria, ele estava dividindo a apresentação do telejornal com o apresentador.

Neste momento, a sintonia entre repórter e cinegrafista nunca foi tão exigida. O repórter deveria escrever um texto que narrasse as imagens. O cinegrafista, por sua vez, tinha que produzir as imagens de acordo com o texto do repórter. Texto e imagem, mais do que nunca, estavam numa cumplicidade recíproca.

Hoje, em todo o mundo, existe a figura do repórter de televisão. Seja na CNN, (Estados Unidos), na NHK

(Japão) ou na AL JAZEERA (Arábia Saudita). Ele é o responsável por levar ao telespectador as emoções, os sentimentos que as imagens não podem passar. Ele está presente onde os fatos acontecem e produz reportagens personalizadas.

6 Considerações Finais

A chegada da TV ao norte do Paraná é um marco histórico. A nova ferramenta da comunicação sacudiu a rede de anunciantes, deu novo dinamismo à indústria e ao comércio e mostrou à cidade o seu povo, suas crenças, festas, acontecimentos sociais, esportes, alegrias e tristezas. O que começou com transmissões precárias e em preto e branco se modernizou, aderiu às novas tecnologias e já está na era digital.

A introdução de novos equipamentos garantiu mais agilidade e qualidade na cobertura dos acontecimentos. Os noticiários na TV ganharam credibilidade e passaram a ter um papel importante dentro da sociedade, defendendo interesses coletivos, denunciando irregularidades, fiscalizando o poder público e cobrando posturas. Cabe aos jornalistas continuar exercendo o seu papel de informar, sempre com ética e responsabilidade, ajudando assim a construir um país melhor e mais justo.

Vasculhar a história do telejornalismo no norte do Paraná é uma tarefa difícil, mas também gratificante. Não há em nossas bibliotecas nenhuma publicação literária sobre o assunto. Ninguém se interessou em documentar este período de forma abrangente, nenhum livro foi escrito e muitos dos pioneiros da televisão já não estão entre nós. O que se tem são fotos, recortes de jornais e documentos antigos, devidamente arquivados no Museu Histórico de Londrina. Nossa memória está fragilmente registrada.

Neste momento, é imperativo que historiadores, pesquisadores e o segmento acadêmico continuem o trabalho de resgate da história da TV na região, perpetuando fatos, imagens e personagens. Só assim vamos garantir a preservação de nossa memória, fator essencialmente importante para a compreensão de nossa origem, nossas raízes e nossas transformações.

Referências

ALMEIDA, C. J. M. de. A história do vídeo. In: OLHAR

ELETRÔNICO (Org.). *Guia do vídeo no Brasil*. São Paulo: Olhar Eletrônico, 1984.

ANDRADE, R. *Jornalismo Digital*. Disponível em: <<http://www.comunicacao.pro.br/>>. Acesso em: 3 dez. 2003.

ANDRADE, R. A complexa implantação da TV digital no Brasil. *Sete Pontos*, ano 1, n. 4, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/4/tvdigital.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2003.

ÁVILA, R. *Manual do entrevistado*. Londrina: Líder, 1990.

BARBOSA NETO, H. Uma imagem mais nítida para o Norte do Paraná. *O Estado do Paraná*, 29 abr. 1993, p. 9.

FÉDER, J. Paulo Pimentel entregou a TV Cidade ao Norte. *O Estado do Paraná*, 23 jan. 1992. Caderno Geral.

FELDMAN, E. TV Coroados: 3 milhões e 600 mil em novos equipamentos. *Folha de Londrina*, Londrina, 6 set. 1972.

FLOSI, S. *TV Digital*. Disponível em: <<http://www.news.yahoo.com>>. Acesso em: 3 dez. 2003.

MORAIS, F. *Chatô: O Rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

NASSIF, L. *O Jornalismo dos anos 90*. São Paulo: Futura, 2003.

PATERNOSTRO, V. Í. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

REDE GLOBO. *Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro, 1985.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil*. São Paulo: Summus, 2000.

SCWARTZ, W. "Jacu" de Londrina expandiu TV. *Folha de Londrina*, Londrina, 6 jul. 1996. Folha Cidades, p. 8.

SPOSITO, R. País vai testar Sistemas de TV de Alta Definição. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 ago. 1998. Caderno de Informática.

TRIGUEIROS NETO, M. *A História da Imprensa de Londrina*. Londrina: UEL, 1991.

TUDO sobre TV. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/>>. Acesso em: 4 ago. 2003.

